

# A GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA NO MUNDO ATUAL

Ten-Cel Art HERNANI D'AGUIAR  
Oficial de Estado-Maior

## 1 — INTRODUÇÃO

*Devemos começar este artigo explicando o título. É que ele contém uma impropriedade, um pleonasma ou, pelo menos, um reforço de idéias. O objetivo foi torná-lo mais esclarecedor. O trabalho não visa um estudo do assunto, que nêle pouco poderia encontrar de útil; dirige-se ao leitor comum, àquele que possui um conhecimento limitado da matéria e que, por isso mesmo, não pode dominar as filigranas semânticas que a envolvem.*

*A epigrafe correta, ou mais apropriada, deveria ser — A Guerra Revolucionária no Mundo Atual. A Guerra Revolucionária, como modernamente a entendemos, é, por definição, manobra comunista executada em tôdas as partes do mundo.*

\* \* \*

Os mais altos escalões de nossas Fôrças Armadas assim conceituam a GR:

*“É a guerra interna, de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que — apoiados em uma ideologia, estimulados e, até mesmo, auxiliados do exterior — visam à conquista do Poder através do contrôle progressivo, físico e espiritual, da população sôbre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado, com a ajuda de técnicas particulares e da parcela da população assim subvertida.”*

Ao analisarmos essa conceituação, percebemos, de pronto, que a GR é uma técnica de subversão interna estimulada ou orientada, ostensivamente ou não, pelos comunistas. É a própria subversão tendo como base a doutrina marxista.



“A Guerra Revolucionária é uma das modalidades da chamada guerra fria, expressão que sintetiza, como se sabe, a estratégia de isolamento e dissociação que vem sendo aplicada pelo bloco soviético contra o bloco ocidental. Não é a própria guerra fria porque esta é mais ampla. Também não é nem a guerra de guerrilhas nem a guerra psicológica, porque não se pode considerar o todo por qualquer de suas partes. A guerra revolucionária não é ainda expressão sinônima de guerra irregular porque, em sua expansão final, pode comportar a guerra clássica, em qualquer de suas formas.”

Finalmente, a GR difere da guerra insurrecional (Guerra Civil ou de Libertação), com a qual tem muita semelhança, justamente porque a esta última falta o travor da “concepção marxista-leninista” ou, nela, essa *carga* tem apenas importância muito secundária.

Há aceções em que Ação Revolucionária e Comunismo Internacional de tal maneira se entrelaçam com a GR que, com ela, chegam a tornar-se expressões quase sinônimas.

A Guerra Revolucionária procura conquistar a mente da população. “Oculta, manhosa, sub-reptícia e clandestina, antes de ser posta em execução é estudada e planejada por técnicos experimentados e perfeitos conhecedores das condições do país em que se vai desencadear. Tem ela por objetivo implantar a indisciplina, quebrar a hierarquia, incitar a revolta e a insurreição, graças a uma propaganda bem conduzida, pela exploração das massas. Objetiva, principalmente, a desorganização e a desintegração da estrutura social do País, pelo enfraquecimento do potencial nacional, desprestígio das instituições e das autoridades legalmente constituídas e aniquilamento das classes produtoras, para favorecer a implantação do comunismo”.

## 2 — IMPORTÂNCIA DA GUERRA REVOLUCIONARIA

No passado os povos tentavam resolver frontal e violentamente os antagonismos que se criavam de fundo político, social, religioso ou econômico. Aí está a História, com alguns dos seus mais vibrantes capítulos: Guerras Médicas, Guerras Púnicas, Invasões Mouriscas, Cruzadas, Guerra dos Cem Anos, Guerra de 1914-1918 e Guerra de 1939-1945. Essas foram as maiores contendas, as Grandes Guerras ocorridas no Mundo. As duas últimas, segundo a crença geral, deveriam ser feitas para “acabar, de uma vez por todas, com a Guerra”.

Após final desses conflitos cruentos, vencedores e vencidos, sem terem resolvido todas as questões pendentes, ficaram em condições críticas.

O bom senso entre os povos tarda, mas acaba chegando. Já há indícios. Em 1914-1918 a Guerra Química tomou importância e causou inúmeras vítimas. O mundo alarmou-se com as terríveis previsões que então se fizeram e todos os exércitos passaram a equipar-se e a instruir-se com o objetivo de poder enfrentar esse tipo de luta. Termi-



nada a Guerra, os laboratórios das principais potências realizaram prodígios, nesse campo, no preparo de "formidáveis surpresas".

Veio o Grande Conflito seguinte e o *fantasma* não se materializou. A Guerra Química Bacteriológica, que poderia ter causado horrores, não foi desencadeada. É que as forças conflitantes concluíram existir equilíbrio nesse setor e que, por isso mesmo, seria impossível atingir duramente o adversário sem ser por êle duramente atingido.

Hiroshima e Nagasaki foram o prefácio violento da História da Guerra Atômica.

Depois, o mundo assistiu, inicialmente estupefato mas acostumando-se prontamente, à mais fabulosa corrida técnica jamais vista, não apenas no campo nuclear como, também, no da astronáutica. Em breve estabeleceu-se um novo equilíbrio entre os dois possíveis contendores: se existe um ligeiro avanço da URSS no que tange a foguetes, os EUA ainda conservam pequena superioridade no que respeita a atômicos.

O equilíbrio veio tornar remota a possibilidade desse tipo de conflito pela idéia geralmente aceita de que "a guerra nuclear seria um suicídio coletivo".

Por outro lado, o estudo das estatísticas mais otimistas sobre o sacrifício humano ocorrido na última Grande Guerra Mundial, veio a ser mais um argumento de ponderação a alinhar-se junto ao do já mencionado equilíbrio.

Admite-se hoje, quase unânimemente, que uma Guerra Total entre os dois gigantes somente "por acidente" poderia ocorrer. E, para prevenir contra essa remota possibilidade, completando todo um sistema de segurança, já foi, até, estabelecida uma ligação direta, fácil e rápida, entre os dois Chefes de Estado. Essa assertiva já foi testada. Em 22 de outubro de 1962, ao terem conhecimento de que vários navios da cortina de ferro transportavam foguetes e outros poderosos equipamentos para Cuba, os EUA decretaram o bloqueio naval da ilha e deslocaram forte esquadra para fazer cumprir a medida. Por alguns dias o perigo do Terceiro Grande Conflito pairou sobre o planeta mas as partes interessadas souberam encontrar a solução que evitou a catástrofe.

É que para a Rússia o risco era demasiado, para um objetivo que poderia ser alcançado de outra forma.

\* \* \*

A Grande Revolução Comunista firmou-se no poder entre 1917 e 1921 e o resultado imediato foi a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Mas não parou aí — em menos de meio século sua expansão foi impressionante — expandindo-se a mais da metade da população do globo e a uma considerável superfície.



E tôdas estas vantagens foram conseguidas sem lutas de vulto. Excetuando o choque contra os germânicos entre 1941 e 1945, a que não pôde furtar-se, os demais sucessos conseguidos pelo comunismo foram alcançados por via indireta.

Se acompanharmos sua marcha, neste último quarto de século verificaremos que êle se implantou na Iugoslavia e ficou vitorioso no Vietname, mas fracassou na Malásia, na Indonésia, no Irã, nas Filipinas, na Grécia, na Birmânia e na Guatemala. Tornou a aparecer, vitoriosamente, na Tcheco-Eslováquia, na Tunísia, na Argélia e em Cuba. Porfia com intensidade, em diversas partes da África, da Ásia e da América. Nesta última, no Brasil, vem de sofrer um sério revés.

Atentando-se para a História, com total isenção de ânimo, constatamos que a URSS é um Estado imperialista que, para a consecução dos seus desideratos, tem contado com a participação dos partidos comunistas de todos os países.

A Guerra Revolucionária foi a forma econômica pela qual a União Soviética alcançou tantas vitórias. Por isso parece natural, lógico e coerente que o comunismo internacional continue, por muito tempo, a utilizar a mesma estratégia revolucionária no quadro mundial.

### 3 — PASSADO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Os principais casos de GR ocorreram após a Segunda Guerra Mundial. Isso, todavia, não significa que seja um tipo de guerra inteiramente nôvo. Usando um lugar-comum, poderíamos dizer que "ela é tão velha quanto o mundo". Em verdade suas origens mergulham fundo, no passado. Uma das mais antigas obras militares conhecidas — Regras da Arte Militar — cuja autoria se atribui a Sun Tsu, 500 AC já assinalava a vantagem de provocar ações irregulares e subversivas, no território inimigo, simultâneamente com as operações normais.

Gedeão, Alexandre, Aníbal, Fábio, César, Crasso, Viriato, Sertório, Bajazet, Tamerlão, Gengis Kan, El Cid, Duguesclin, Turene, Condé, Duguesclin, Lawrence, Zapata, Milhailovich, dentre muitos outros, atuaram ou sofreram atuação desse gênero.

Ela existiu sempre que um povo inferiorizado, porém não vencido, desejou prosseguir na luta; tôdas as vezes em que a população submetida, porém não conquistada, quis "manter a cerviz erguida" sempre tôdas as vezes em que o impulso generoso e patriótico se cristalizou no anseio conjunto de uma nação para defender sua soberania e independência.

Nem o Grande Corso soube furtar-se a ela. Constitui verdade conhecida que sua estrêla, que até então luzira tão espetacularmente, começou a obumbrar-se na Península Ibérica sob a ação das guerrilhas.



Foi, todavia, no primeiro quartel do século XX, com a Revolução russa, que ela adquiriu o cunho ideológico que hoje ostenta e acabou possuindo as atuais características.

Ela surgiu espontaneamente nos meandros da cruenta guerra civil que teve curso entre 1917 e 1921. Com a Constituição da URSS, instalou-se a ditadura do proletariado que elegeu, desde logo, como objetivo a destruição da sociedade, capitalista. Essa deveria ser a tarefa da Ação Revolucionária que adquirindo estrutura própria se corporificou na chamada Guerra Revolucionária.

Terminada a contenda Lênine x Trotsky com a vitória do primeiro, declarou este que — “A Rússia assumiria, imediatamente, a pesada responsabilidade de levar a revolução a todo o globo, conduzindo a humanidade para o comunismo”.

Em 1924, com o desaparecimento de Lênine, coube a Stalin assumir o poder por 29 anos. Prescreveu, êle, a todos os comunistas, a missão de “sustentar os movimentos nacionais revolucionários dos povos oprimidos e impeli-los para o modo bem definido da luta revolucionária”.

Dada a palavra de ordem, seguiu-se a execução. Perlustremos os principais casos de GR ocorridos.

As primeiras tentativas fracassaram. Seus pontos de aplicação: Alemanha, China, Síria e Espanha. Nesse interregno, um vulto novo apareceu — Mao Tsé-Tung — o qual deu nova dimensão à GR acabando por tornar-se o seu maior teórico. Para êle, a guerra deveria ser total e cada individuo dentro da sociedade humana considerado como um objetivo específico. Em sua obra encontramos um trecho que revela como compreendia a GR:

“Desorganizai tudo o que há de bom no país visado. Tentai envolver os agentes do poder dos mais altos escalões em empresas criminosas, comprometei as suas pessoas, e não vos esqueçais de dar ao fato a mais ampla publicidade.”

\* \* \*

Revigora-se a luta na China. Vencem os comunistas em 1949. Instala-se a República Popular Chinesa.

Na Iugoslávia, em 1941, em plena ocupação do país pelos germânicos, tem começo a GR que, após destruir Mihailowich, o outro líder da resistência aos alemães, se consubstancia em vitória comunista com o surgimento da República Popular Iugoslava.

Em 1945, quase simultaneamente, a chama revolucionária se estendia à Malásia, à Indo-China Francesa, à Indonésia, ao Irã e à Argélia. Na Indonésia teve como resultado uma república de tendência esquerdista,



porém não comunista; na Malásia, no Irã e na Argélia, os movimentos fracassaram; na Indo-China, porém, a guerra tornar-se-ia o modelo perfeito de uma GR.

Nessa área do Sueste asiático, o movimento alcançou um desenvolvimento completo, com tôdas as fases que o caracterizam nítidas e delimitadas. Teve como proscênio o Vietname com eventuais incursões pelo Laus e pelo Camboja. Durou cêrca de 8 anos e não lhe faltou, sequer, o episódio espetacular — Dien Bien Phu. Pela Conferência Internacional de Genebra, em julho de 1954, foi estabelecida a divisão provisória do Vietname em duas partes, servindo de limite entre elas o paralelo de 17° N.

\* \* \*

Em 1946, nova onda de agitação revolucionária teve comêço atuando sôbre as Filipinas, Birmânia e Grécia, fracassando em tôdas.

Teçamos algumas considerações em tôrno do mais interessante dêsses casos — o grego. Aí a GR utilizou quase todos os estratagemas típicos das ações extramilitares na luta pelo poder: frentes unidas em tôrno das boas causas, subversão, infiltração nas forças armadas, sabotagem e, por fim, o apêlo à rebelião armada. Seu insucesso, a despeito do auxílio recebido através do *arco-de-círculo vermelho* que envolve a Hêlade pelo Norte (Albânia, Iugoslávia e Bulgária), resultou de um efeito cumulativo de fatores diversos, mas, principalmente, por haver fracassado junto à população, que deveria sustentá-la.

Na Tcheco-Eslováquia, em 1948, a GR triunfou de forma aparentemente rápida. Na realidade, o movimento vinha sendo organizado desde o tempo da dominação nazista. Nesse país, a GR apresentou particularidades interessantíssimas e algumas semelhanças com a ação desencadeada no Brasil durante o governo recentemente deposto. O poder foi sendo assumido de forma progressiva e aparentemente legal. O assalto ao parlamento deu-se através do binómio pressão de base, pressão de cúpula, favorecido pela própria máquina estatal. Foi a história de um país que acreditou na exeqüibilidade de um governo de coalizão entre democratas e comunistas. De um país onde os líderes democratas, ou por não entenderem o processo histórico que se desenvolvia, ou por comodismo, ou, finalmente, por ambição e oportunismo, permitiram e concorreram para a fácil vitória comunista.

\* \* \*

Na Coréia, em 1950, a GR foi detida pela intervenção da ONU. Em termos práticos, o pêso das operações de ajuda às forças de Seul recaiu sôbre os EUA. Por sua vez, os coreanos do Norte receberam socorro concretizado através dos numerosos e bem equipados "voluntários chineses". O resultado foram duas Coréias, separadas pelo paralelo de 38° N.



Em 1954, a GR voltou às terras tunisinas, onde os comunistas haviam sofrido um revés em 1938. O que aí se assistiu foi uma GR conduzida, em um país sem autonomia e subdesenvolvido, por um partido nacionalista do tipo ocidental, inspirado e apoiado, diretamente, pelos PC francês e tunisino e, indiretamente, pela URSS e pelos países árabes. Essa união dos PC veio demonstrar o caráter internacional do comunismo, sobrepondo-se ao espírito nacional gaulês. O episódio terminou com a instalação sucessiva de um Estado autônomo e de um país independente, de tendências esquerdistas.

\* \* \*

Na Argélia, novo conflito teve lugar em 1954. Por mais de 8 anos os franceses tiveram vitórias e reverses alternados, antes de sentirem a imperiosidade de conceder a independência ao país. A questão se agravou sobremodo em virtude do numeroso contingente de colonos metropolitanos que se havia radicado em glebas argelinas. Somente quando De Gaulle assumiu o poder na França, conseguiu a Argélia tornar-se soberana.

Em Cuba, a GR apresentou características *sui generis*. É que, de início, o Movimento 26 de Julho foi uma guerra insurrecional dirigida contra o ditador Fulgêncio Batista. Nessa ocasião Fidel Castro tinha a seu favor a quase unanimidade da opinião pública internacional. O PC cubano definiu-se favoravelmente a Batista tachando o movimento de "burguês" e de "golpista". Todavia, quando a revolução passou a ter possibilidade de vitória, os comunistas passaram a adotar a tática da dualidade, dividindo-se em duas alas, uma combatendo o ditador na Sierra Maestra e a outra empenhando-se em fazer fracassar as greves determinadas por Castro.

Através de Che Guevara e de Raul Castro, os comunistas incapazes de obter o controle, quer do Movimento 26 de Julho, quer do Exército Revolucionário, acabaram dominando Fidel.

Após a vitória, os comunistas ascenderam aos postos-chaves e passaram a ter facilidade para sua atuação subversiva. Explorando antigos antagonismos com os EUA e a pouca habilidade que estes revelaram na ocasião, os *vermelhos* lançaram Cuba nos braços do bloco oriental.

Quando se analisa o movimento cubano percebe-se ter ele começado como um movimento insurrecional que depois resvalou para a Guerra Revolucionária.

\* \* \*

Outros processos semelhantes têm estado em curso, sob a inspiração de Moscou. Entre eles podemos assinalar as agitações no Congo, ex-Belga, em Angola e em Zanzibar. O próprio nasserismo, movimento que vem procurando reorganizar o mundo árabe, contém fortes cargas de esquerda.



A Guerra Revolucionária chegou ao Brasil. Seus grandes fatores: o subdesenvolvimento, os baixos níveis de vida, a instabilidade política e a atuação intensiva da minoria comunista.

A intentona de 1935 havia fracassado; dez anos mais tarde o PC passara à ilegalidade; todavia, a ação subversiva jamais deixara de estar presente. Acenando com utopias inexecutáveis, levantando a bandeira de algumas boas causas, falando em nome de Reformas de Base e prometendo muito, a ação revolucionária começou a obter bom rendimento.

No Governo João Goulart as pressões se tornaram fortes, com o acesso de comunistas militantes a mais de 250 postos-chaves da administração nacional. Por muito pouco estiveram para assenhorear-se do Brasil, diante de uma população atônita e sem condições para reagir.

As Forças Armadas, a quem, pela Constituição, compete a garantia da ordem e da lei, assistiam aparentemente apáticas à comunização do País. Mas, essa era uma atitude "para uso externo"; no interior dos quartéis — vibrava forte o sentimento de repulsa, em particular no seio da oficialidade. A opinião pública nacional as acusava de má interpretação da disciplina e, ao Exército, a quem tocava a tarefa maior na defesa das instituições, de "brincar de grande mudo" na oportunidade inadequada.

Mas o quase milagre ocorreu! Reagindo contra afrontas intoleráveis veio, espontânea, geral — porque congregava tôdas as forças vivas da Nação — e decisiva, a Revolução de 31 de março. Com ela o comunismo sofreu um duro revés.

#### 4 — PRESENTE E FUTURO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A Guerra Revolucionária continua sendo muito importante para o mundo comunista, apesar do mesmo se encontrar, atualmente, dividido, nos campos chinês e moscovita, que encaram a implantação do comunismo de forma diferente.

Aliás, anteriormente, já houvera defecções no bloco vermelho: a pequenina Albânia se furtara ao contróle de Moscou e, na Iugoslávia, o comunismo adquirira um cunho nacional.

A despeito destes eventos, a batalha da comunização mundial continua, através das guerras revolucionárias que têm curso em todos os continentes.

A Europa Ocidental foi o grande objetivo inicial do Kremlin. Na Itália, na França e na Alemanha Ocidental, após melhores dias, o comunismo sofreu um processo de regressão e de desprestígio, mercê da extraordinária recuperação econômica desses países.

Na Grécia e na Espanha a lição foi aprendida a duras penas. Os governos estão vigilantes e mantêm o comunismo sob contróle.



A progressão vermelha está de certa forma contida; porém, o comunismo se mantém firmemente nas áreas onde domina. Embora nenhum fenômeno histórico possa ser considerado irreversível, não há indícios de que, na Tcheco-Eslováquia, na Hungria, na Polônia, na Romênia ou na Bulgária, possa vir a ser restaurada a democracia. O problema das duas Alemanhas continua sem solução visível. A Iugoslávia, que se afastara de Moscou, e que assim permanecera durante a vida de Stalin, restabeleceu as boas relações com o Governõ de Kruschev.

Em conseqüência da situação na Europa, os soviéticos voltaram seus esforços para a África e para a Ásia. Continuam sustentando essa política, cujo escopo final é destruir o domínio colonial dos países europeus, para afetar-lhes a economia e posteriormente vencê-los.

Na Ásia, chineses e russos disputam a primazia e esta quebra de unidade retarda o desenvolvimento da ação revolucionária. Mesmo assim, ela transcorre com apreciável velocidade.

A conquista da Índia sempre teve elevada prioridade para o comunismo internacional que, em virtude das condições precaríssimas de sua enorme massa humana, fêz progressos de monta. Todavia, choques de natureza lindeira com a China vermelha alertaram os indianos e contribuíram para um arrefecimento geral do esquerdismo no país. Agora com a morte de Nehru, o nôvo Premier Lal Bahden Chastri anunciou públicamente sua formação socialista.

As disputas territoriais e religiosas entre a Índia e o Paquistão com os choques sangrentos entre as minorias que permanecem em regiões, de crença diferente, estão criando excelentes oportunidades para a ação revolucionária nos dois países.

A República Popular da Mongólia é proscênio da disputa pelo domínio entre chineses e russos.

O Tibete, antigo Estado Teocrático, continua desde 1950 subjugado pela China comunista, com o Dalai Lama refugiado na Índia. Tende a ser, pura e simplesmente, mais uma província chinesa. O país desfruta de importante posição geopolítica que lhe permite atuar sôbre a Índia, a Birmânia, o Paquistão e os Estados do Suleste da Ásia.

A Birmânia, desde 1962, possui um regime orientado para o socialismo com apenas um partido no interior e neutralidade no campo internacional. Sofre pressão revolucionária e pode evoluir francamente para o comunismo.

A Federação da Malásia enfrenta, também, forte ação revolucionária. A situação mais se complica com as reivindicações territoriais que sofre por parte da Indonésia.

Na Coréia, desde os distúrbios populares que culminaram com a renúncia de Rhee, em 1960, a ação revolucionária continua intensa. Os últimos noticiários nos dão conta de novos motins, de inspiração comunista, provocados por estudantes. A situação é de instabilidade.



Na Ásia Menor, em Chipre, a questão entre cipriotas-gregos e turcos — tornou-se mais um centro de preocupação mundial favorecendo a ação do comunismo. (Nota 1)

Na Tailândia, no Velho Reino do Sião, único país no Sudeste da Ásia que jamais foi colônia de potências européias, a situação é melhor tendo os progressos comunistas sido de somenos importância. Poderia ser o baluarte da democracia na área.

É na chamada Indo-China Francesa que se localiza um dos "pontos dolens" mundiais. Senão vejamos: No Camboja e no Laos, particularmente neste, a GR, vai em pleno desenvolvimento, com grandes possibilidades de vitória. No Vietname a questão continua em aberto; o Tratado de Genebra apenas procrastinou a GR que se desenvolvia. O Vietname do Norte, agora ostensivamente, continua incitando, provocando e fomentando as agitações do Vietname do Sul. Um organismo político-militar, o Vietcong, herdeiro do Vietninh, através de constantes guerrilhas, sabotagens e ações terroristas mantém o Sul em constante estado de guerra. Agravando a situação, perseguições religiosas levadas a efeito contra os budistas levantaram forças poderosas que destruíram Ngo-Dinh Diem. Com êle terminou, também, a estabilidade política do país. As perspectivas são más para o Bloco Ocidental; o "processo patológico" vem em tudo se mostrando semelhante ao que consumiu o Vietname do Norte entre os anos de 1946 e 1954. A queda do Vietname do Sul aceleraria as GR do Laos e do Camboja e provavelmente arrastaria, também, a Tailândia e, talvez, ainda, a Malásia e a Indonésia. Essa "débâcle" seria uma derrota inaceitável para o Ocidente. (Nota 2)

Resta porém uma esperança — o Japão. Nêle a penetração comunista tem andado vagorosamente. O país poderá vir a constituir-se no grande baluarte anti-revolucionário da Ásia. Para isso terá de ser intensificada uma política que objetive vencer o forte que os nipões, em sua estrutura psico-social de povo, conservam contra os EUA. Sômente ela permitirá colocar os dois países em perfeita sintonia.

A África é, na atualidade, a parte mais tumultuada do mundo. Nela existem duas grandes portas de entrada para o comunismo: "o colonialismo" e "o racismo". Essas são as teclas em que a propaganda soviética vem, invariavelmente, batendo. No empenho dos brancos de conservarem suas propriedades e protegerem seus interesses, justificam os nativos a atitude de aceitar qualquer auxílio de fora. Este apoio lhes é constantemente oferecido pelos comunistas. Por outro lado, os governos nativos, que já alcançaram a soberania, anseiam por um desenvolvimento acelerado, a fim de manterem o prestígio e de melhorarem as condições de vida de suas nações. Se o Ocidente não os ajudar, com assistência e capitais, êles por certo recorrerão aos da Cortina de Ferro.



Quando da eclosão da Segunda Grande Guerra, a África era um continente cativo, com apenas a Libéria independente. No momento, nela existem 35 nações soberanas. Por injunções diversas essas nações vieram a constituir 3 blocos sob o ponto de vista ideológico: O Bloco de Casablanca — pró-Moscovo; o Bloco de Brazeville — pró-Occidente; o Bloco Neutralista. (Nota 3)

Acompanhamos o andamento da GR no Continente Negro:

“A penetração comunista na África começou no Egito. Depois, em 1958, o Guiné apartando-se da França, começou a constituir o segundo elo da cadeia que deveria ligar os novos Estados do continente africano aos países comunistas.”

A Guerra Revolucionária atua, porém, praticamente, em todos os territórios africanos, independentes ou não.

Perpassemos, apenas, os principais focos.

Nasser, continua em seu sonho de um império árabe. Já fez a opção pelo Egito, entre os blocos. O “prato de lentilhas” foi a ajuda para construir a represa de Assuã e o empréstimo de milhões de rublos em condições compensadoras — por ele começou a abrir mão de uma liberdade completa. Nasser vem realizando uma dupla campanha antioccidental e anticapitalista. Por seu intermédio o processo revolucionário marxista está em plena marcha. Tanto internamente como no campo da política externa. Pela maneira como as coisas têm se desenvolvido é pouco provável que possa haver qualquer mudança radical no Egito pelo menos em futuro previsível.

Com Ben Bella, a Argélia procurou a “posição neutralista”, porém, suas simpatias são mais do que evidentes pela área socialista. O país não se encontra completamente pacificado sucedendo-se atentados e atos terroristas, bem como guerrilhas nas montanhas de Cabília.

Em Marrocos, forte pressão “nacionalista” obrigou os EUA a abandonarem as bases aéreas que possuíam no território. Na Tunísia, o partido Neo-Destour continua a agitar a bandeira do nacionalismo exacerbado.

A Guiné é uma autêntica “ponta de lança” soviética em terras africanas. A URSS, a Tcheco-Eslováquia, a Alemanha Oriental e outras nações do bloco soviético “compraram sua adesão à causa” com auxílio em gêneros e em técnicos. Dela se irradiam agentes para todos os Estados africanos. Em abril de 1960, realizou-se em Conacri, sua Capital, a grande conferência comunista Afro-Asiática. Apesar da influência vermelha muito grande, a Guiné procura evitar a “enfeudação” e se denomina a si mesma “uma nação neutralista”.

A Nigéria, a maior nação africana, em termos de demografia, poderá ser presa fácil da ação revolucionária em virtude da luta infundável de 37 milhões de nativos, maometanos, cristãos e pagãos, cindidos por conflitos intestinos.



Em Gana existe forte influência russa. N'Krumah, o líder do país, tem sido o primeiro a criar em torno de si a contradição, quando se intitula "marxista-cristão". Seu grande sonho: criar os Estados Unidos da África Ocidental. Essa posição inquieta os países vizinhos, tornando-os suspeitosos de sua ambição.

O Sudão, dono de excepcional posição geopolítica, parece o país escalado pelo comunismo internacional, para ser a cunha ideal do marxismo na região. Dêle poderá irradiar-se rumo ao sul ou em direção à África Central ou, até mesmo em seguimento ao Oriente Médio. Um general anticomunista se apossou do Governo e luta intensamente para afastar o país do marxismo que, todavia, ainda possui bastante força. Tornando o problema mais complexo — Nasser tem demonstrado a intenção de incluir o país em seu império.

A Etiópia — Reino Bíblico — alinha-se entre os neutralistas. Contudo, tem havido grande aproximação com a URSS, materializada com a construção de um grande hospital em Adis Abeba e com empréstimos vultosos. A ação revolucionária encontra clima propício entre a população miserável.

No Congo (ex-Belga) a GR foi conduzida com acerto e encontrou facilidade no fato da massa ser insuficientemente evoluída. O germe revolucionário trouxe consigo um enorme programa reivindicatório e ocasionou um terrível banho de sangue. O Coronel Mobutu, levado ao poder pela jovem e pequena elite congoleza, apressou-se em expulsar os técnicos e especialistas orientais fazendo com que a URSS perdesse essa batalha.

O noticiário internacional nos dá conta de um levante comunista em Kivu e do deslocamento de milhares de guerreiros negros para abafá-lo. (Nota 4)

O Quênia está praticamente independente. Teve na frente desse movimento Kenyatta, comunista e anticolonista fanático, que foi o mestre da agitação que antecedeu a revolta Mau-Mau. Hoje, sua política de negação à violência é a atitude de quem não deseja entrar a libertação de sua pátria. Segundo os prognósticos de alguns entendidos da política local, o país poderá tornar-se um foco de irradiação da GR, quando tiver consolidado sua independência.

A GR que se desenvolve em Angola é mantida de forma artificial, uma vez que pouco progrediu no contágio da população ignara do interior. Quanto às demais possessões lusitanas, apenas na Guiné vem o movimento alcançando alguma repercussão. (Nota 5)

Na África do Sul, a mais rica nação da África, a tremenda questão racial ameaça o futuro do país. Aí estão em presença 10 milhões de negros e 1,5 milhões de mestiços governados por 3 milhões de brancos. A ação revolucionária está atuando sobre a massa negra, no sentido de desencadear a luta racial.



Nas Repúblicas do Máli e da Somália a ação revolucionária vem conseguindo um bom rendimento.

Finalmente, em Zanzibar e Pemba, numa ação rápida, os comunistas se apoderaram do Governo da novel república. Poderão realizar uma ação enérgica sobre a Tanganica com quem o país insular recentemente se associou.

A Indonésia, que se estende por mais de 5.000 km sobre a linha do Equador e que comporta mais de 3.000 ilhas, situa-se parte na Ásia e parte na Oceania.

Nesse império insular existem muitas oportunidades exploráveis por uma ação revolucionária. Após a vitória política recentemente conquistada na Nova Guiné, Sukarno está voltando seus olhos para a Malásia. Em ambas as campanhas teve o apoio da URSS. O PC é legal, congrega cerca de 35% da população e mantém o país em constante agitação.

Todavia, em circunstâncias normais, não é provável que o comunismo se apodere da Indonésia, pois a massa é muçulmana e culturalmente anticomunista e o Exército está ainda relativamente pouco infiltrado. A Rússia envida esforços para transformar o nacionalismo indonésio em fanatismo e dirigi-lo segundo seus interesses.

Também na América continua a GR.

Em Cuba, a "satelização" prossegue, mas essa tendência pode ainda não ser fatal, porque Havana está longe de Pequim e de Moscou e próxima de Washington. Mesmo no mundo atual encurtado pelas comunicações fáceis, as grandes distâncias geográficas ainda influenciam a política. "Qualquer que seja o regime, Cuba conservará sempre uma certa originalidade latina." Reformulado, adaptado e conformado ao novo meio ambiente, adquiriu personalidade própria e até denominação particular — O Fidelismo. Da ilha êsse movimento procurou irradiar-se por toda a América Latina, chegando mesmo a interferir nas políticas internas de seus países. Essa ação se fez sentir, principalmente na Zona do Caribe — Nicarágua, Haiti, República Dominicana, Costa Rica, Panamá e Venezuela. Mas estendeu-se, também, pelo restante da América do Sul, onde vem aplicando anualmente centenas de milhões de dólares. Disse Castro, certa vez, em praça pública, que "transformaria os Andes na nova Sierra Maestra, do Continente Sul-Americano".

A ação fidelista atingiu o Brasil. Sentimo-la na propaganda de certa parte de nossa imprensa falada e escrita; sentimo-la nos manifestos dos órgãos estudantis; sentimo-la na orientação seguida pela maioria de nossos órgãos sindicais.

Atualmente, somente 4 nações da América conservam relações com Cuba: o México, o Chile, o Uruguai e a Bolívia. (Nota 6)



Os EUA, a partir do Governo Kennedy, adotaram nova estratégia face ao problema: "não interferir diretamente em Cuba; impedir a expansão do Fidelismo, confinando o movimento à ilha; aguardar que a revolução se autodestrua".

Não é impossível que isso venha a acontecer. Embora a posição de Fidel Castro pareça firme, a reação, no interior, vem aumentando diàriamente.

A economia cubana passa por um transe terrível. Seu produto base — o açúcar — que vinha registrando médias anuais de 5 a 6 milhões de toneladas, caiu, nas últimas colheitas, para 3 milhões.

A indústria, ainda 100% norte-americana em sua infra-estrutura, caminha para a improdutividade. Carros, geladeiras, refrigeradores e outras máquinas de idêntica procedência estão se acabando sem que o Bloco Soviético tenha conseguido suprir o mercado.

A formação cristã e a latinidade do povo cubano reagiram contra o Governo comunista que lhe foi impôsto. Em consequência, para que o regime pudesse sobreviver, Cuba foi transformada num Estado Policial.

A euforia e o orgulho dos primeiros tempos, de sacudir a ascensão política e de quebrar os grilhões econômicos que subordinavam Cuba aos EUA já foram postergados, diante da dura realidade do "pa-redon".

Isso tudo torna o regime instável.

A América Central, em virtude da precária situação sócio-econômica, continua um campo excelente de manobra para a GR. Na Zona do Canal, os comunistas aproveitaram questões menores para lançar as massas panamenhas contra os norte-americanos.

No México, como aliás no Uruguai, o comunismo se apresenta mais com aspecto academicista, sem infiltração importante na população.

Na Venezuela, através da FALN, a Guerra Revolucionária transcorre utilizando de preferência o terrorismo, a sabotagem e o rapto. Parece, todavia, não oferecer perigo imediato.

Na Guiana Inglesa trava-se batalha entre as esquerdas lideradas pelo Primeiro-Ministro Jagan e as direitas, agora em plena ascensão.

Na Bolívia, após longo período de dominação das milícias esquerdistas, vem o Exército recuperando o controle do país. A luta surda continua.

Quanto ao Brasil, a recente vitória democrática foi importante para todo o mundo ocidental. Mas, isso não significa que a GR tenha sido abafada. Não nos iludamos. Muito falta a fazer para concretizar esse objetivo. Qualquer descuido e ressurgirá mais perigosamente.



## 5 — CONCLUSÕES

Do que aqui ficou escrito é possível tirar as seguintes conclusões:

1°. O presente equilíbrio entre as nações dos blocos em conflito, nos campos nuclear e astronáutico, trouxe, como consequência, o respeito e o receio de todos, por aquilo que poderia transformar-se num "suicídio coletivo".

2°. A Guerra Revolucionária continua a ser de uma impressionante atualidade. Seu prestígio vem-se avolumando com as vitórias já obtidas. De 1917 para esta data grande parte da superfície e da população terrestres já se encontra sob a influência comunista.

3°. Apesar das antinomias mais do que evidentes do comunismo, continua êle a ser altamente atraente. Essa situação é conseguida pelos acenos que faz e pelas bandeiras aparentemente justas que levanta, adaptados, uns e outras, aos anseios de cada nação. Em consequência, varia a tática e passa a falar, indistintamente, em nome de anticolonialismo, de luta contra a discriminação racial ou religiosa, de reformas de base, de desenvolvimentismo ou de reestruturação social. Com isso realiza um grande proselitismo que favorece à GR.

4°. Como fato altamente positivo para o mundo democrático existe a contenda ideológica travada entre Pequim e Moscou. Cada uma das partes continua a realizar a GR em diversos países, mas a unidade de ação ficou quebrada.

5°. Criou-se uma 3ª posição — a dos chamados "Neutralistas". De Gaulle, em sua ânsia de recuperar prestígio para o seu país intenta assumir a direção desse grupo. Situa-se como uma espécie de Mediador da Paz Universal. Reconhece a China comunista e continua com "démarches" políticas para torná-la membro da ONU. Percebe-se, porém, que a maioria dos "neutralistas" parece tender para o Bloco Comunista, já que a neutralidade real é posição que os fracos jamais poderão manter na disputa dos fortes. A existência dessa 3ª força favorece à GR por lançar dúvidas no Mundo Democrata.

6°. Tendo sido barrada na Europa, a GR desbordou o obstáculo e procurou novas vias de penetração: Ásia, África e América.

7°. Na Ásia e na África a GR vem obtendo bons resultados em virtude das condições excepcionais que encontrou para desenvolver-se.

8°. Quanto à América, de um modo geral, as perspectivas se apresentam favoravelmente às democracias. Em Cuba, há indícios crescentes da desagregação do Fidelismo. O regime não resistirá, por certo à queda de Castro. No que tange ao Brasil, a recente vitória democrática teve um significado mundial. Precisa, todavia, ser consolidada. A comunização do País teria arrastado consigo tôda a América do Sul e quiçá o restante da América Latina.



Segundo a opinião de articulistas abalizados da imprensa européia e americana esta foi, após o sucesso da aplicação do Plano Marshall, a 2ª Grande Vitória conseguida contra o Comunismo Internacional. Tão importante que, para o futuro, poderá vir a constituir-se em data mundial no calendário de vitoriosa Ação Contra-Revolucionária das Democracias.

#### NOTAS

1. Trata-se de questão de muito difícil solução. A posição geopolítica da ilha — verdadeiro porta-avião natural — faz com que ela possa influenciar em tôdas as operações que venham a travar-se no Oriente Médio ou no Mar Negro. Isso explica a importância que adquiriu diante da partida decisiva que entre si travam o Bloco Oriental e o Bloco Ocidental.

Turca geograficamente (menor distância desse país cêrca de 80 Km), é CHIPRE, no aspecto psico-social, marcadamente helênica (mercê de uma superioridade populacional de 4-1). A solução encontrada em 1959, de constituí-la num país independente, com um govêrno de coalizão grego-turco, não resistiu a um lustro de existência. A comunidade grega continua a ansiar pela anexação pura e simples da ilha à Grécia ao passo que a comunidade otomana aceita a solução de uma partilha.

Nestes últimos meses os choques sangrentos se tornaram mais freqüentes. Como os cipriotas gregos são muito mais fortes do que seus contendores, êstes sofreram nítida desvantagem. Isso levou a Turquia a correr em socorro dos cipriotas turcos realizando, inclusive, pesados ataques aéreos com foguetes. Como no quadro geral a Turquia sobrepuja, nitidamente, à Grécia, em poderio militar, o patriarca Makários foi procurar apoio na URSS. Essa atitude transferiu, de pronto, as simpatias norte-americanas para a causa turca.

A questão, em aberto, é uma das diversas com que se debate o Conselho de Segurança da ONU. Os Turcos atenderam ao apêlo de U Thant, Secretário-Geral da Organização e suspenderam seus bombardeios. Seguiu-se um semi-armistício que, mal ou bem, vai mantendo os opositores sem grandes choques.

2. Apesar do grande interêsse de evitar uma guerra generalizada, os EUA sentem a importância de impedir a comunização do SE Asiático. Dentro dessa política, deram publicidade, em fins de junho, que expulsariam os comunistas do Vietname do Sul ainda que isso implicasse na abertura de operações de vulto. Talvez como consequência dessa declaração, lanchas torpedeiras do Vietname do Norte atacaram, no dia 4 de julho, destróieres norte-americanos, em águas do



Golfo de Tonquim. Os Estados Unidos revidaram violentamente, destruindo diversas bases e instalações portuárias dos agressores. A tensão chegou ao auge, com as declarações ameaçadoras da URSS e da China Comunista, sobre a ocorrência. Felizmente o bom senso tornou a imperar sendo superado, na ocasião, o perigo de um Grande Conflito.

A questão continua aberta.

\* \* \*

3. Quênia pode ser considerada uma nação independente uma vez que suas últimas ligações com a Inglaterra foram praticamente cortadas. Em 5 de julho do corrente, a antiga Niassalândia tornou-se o 37º Estado Independente da África com o nome da República de Malawi.

\* \* \*

4. No Congo, após um sucesso inicial, que culminou com a conquista da cidade de Stanleyville, os comunistas parecem dar mostras de fraqueza. O noticiário dos últimos dias vem mostrando que as forças governamentais estão recuperando o controle das áreas subvertidas.

\* \* \*

5. Nas províncias ultramarinas portuguesas, da África, a opinião pública tem demonstrado ser pró-Portugal. A visita levada a efeito pelo presidente Américo Tomás e Moçambique, nos últimos dias de julho, tomou aspecto de uma autêntica apoteose tal o carinho com que foi acolhido o dirigente luso.

\* \* \*

6. Posteriormente, o Chile, a Bolívia e o Uruguai romperam relações diplomáticas com Cuba. Apenas o México conserva suas relações com o governo de Fidel Castro.



*Sabemos que o comunismo respeita apenas a força. Assim, se o mundo pretende gozar de paz, o mundo livre deve ser forte.*

Gen J. Lawton Collins.